

A XENOFOBIA E SEUS IMPACTOS EM DOCENTES IMIGRANTES NA EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRA

**Antonio Andretti Albuquerque da Costa
Napiê Galvê Araújo Silva**

Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA), Mossoró – RN, Brasil

A xenofobia no ambiente educacional é um desafio relevante para a internacionalização da educação e para a integração de docentes e discentes imigrantes. A pesquisa objetiva analisar a percepção dos docentes estrangeiros sobre as manifestações xenofóbicas no ambiente da educação superior federal brasileira, identificando as principais formas de ocorrência, qual o impacto sobre o nível de bem-estar; e analisar se as instituições possuem políticas/programas capazes de garantir o respeito e a diversidade cultural. Para a metodologia, utilizou-se o levantamento de dados como procedimento técnico para a coleta dos dados. A pesquisa baseia-se na percepção de 205 docentes não brasileiros natos da rede federal de educação superior, cujo tratamento dos dados foi realizado por meio da análise de conteúdo. Os resultados deste estudo indicam que, de fato, ocorre a xenofobia docente no ambiente da educação superior federal brasileira, desenvolvendo-se de diferentes formas, afetando diretamente o bem-estar e o desempenho profissional dos pesquisados. Além disso, na visão da maioria dos participantes, as administrações das universidades não agem de maneira adequada para inibir a ocorrência de atos xenofóbicos.

Palavras-chave: xenofobia; docente estrangeiro; educação superior; internacionalização da educação; xenofobia docente.



LA XENOFOBIA Y SUS IMPACTOS EN DOCENTES INMIGRANTES EN LA EDUCACIÓN SUPERIOR BRASILEÑA

La xenofobia en el entorno educativo es un desafío relevante para la internacionalización de la educación y la integración de docentes y estudiantes inmigrantes. Esta investigación tiene como objetivo analizar la percepción de los docentes extranjeros sobre las manifestaciones xenofóbicas en el entorno de la educación superior federal brasileña, identificando las principales formas de ocurrencia, el impacto en el nivel de bienestar y analizar si las instituciones poseen políticas/programas capaces de garantizar el respeto y la diversidad cultural. Para la metodología, se utilizó un levantamiento como procedimiento técnico para la recolección de datos. La investigación se basa en la percepción de 205 docentes no brasileños nativos de la red federal de educación superior, cuyo tratamiento de los datos se realizó mediante el análisis de contenido. Los resultados de este estudio indican que, de hecho, ocurre la xenofobia docente en el entorno de la educación superior federal brasileña, desarrollándose de diferentes formas, afectando directamente el bienestar y el desempeño profesional de los encuestados. Además, en la visión de la mayoría de los participantes, las administraciones de las universidades no actúan de manera adecuada para inhibir la ocurrencia de actos xenofóbicos.

Palabras clave: xenofobia; docente extranjero; educación superior; internacionalización de la educación; xenofobia docente.

XENOPHOBIA AND ITS IMPACTS ON IMMIGRANT FACULTY IN BRAZILIAN HIGHER EDUCATION

Xenophobia in the educational environment is a relevant challenge for the internationalization of education and the integration of immigrant teachers and students. This research aims to analyze the perception of foreign teachers about xenophobic manifestations in the environment of Brazilian federal higher education, identifying the main forms of occurrence, the impact on the level of well-being, and analyzing whether institutions they have policies/programs capable of guarantee respect and cultural diversity. For the methodology, a survey was used as a technical procedure for collecting data. The research is based on the perception of 205 non-native Brazilian teachers from the federal higher education network, whose data treatment was performed through content analysis. The results of this study indicate that, in fact, xenophobia occurs among teachers in the environment of Brazilian federal higher education, developing in different forms, directly affecting the well-being and professional performance of the respondents. Furthermore, in the view of most participants, university administrations do not act adequately to inhibit the occurrence of xenophobic acts.

Keywords: xenophobia; foreign faculty; higher education; internationalization of education; faculty xenophobia.

1. INTRODUÇÃO

A migração de pessoas abrange um amplo espectro de movimentos e deslocamentos em diferentes espaços geográficos. Tal mobilidade é definida como o ato de se deslocar de uma região para outra com a intenção de se estabelecer, seja dentro do mesmo país ou para além das fronteiras internacionais (Damarafi; Suwadono, 2022). Esse fenômeno pode ser promovido por diversas razões, como conflitos políticos, conflitos militares, situações econômicas, mudanças climáticas ou mesmo pela busca de uma vida melhor, marcando-o como uma questão complexa em diversos países ao redor do globo (Kaleshi; Gripshi; Zhebo, 2022).

De acordo com a Organização Internacional para as Migrações (IOM), agência vinculada à Organização das Nações Unidas (ONU), migração é definida como “o movimento de pessoas para fora de seu local de residência habitual, seja através de uma fronteira internacional ou dentro de um Estado” (IOM, 2019, p. 137). Em consonância com essa abordagem, a ONU adotou, em 2018, o pacto global para uma migração segura, ordenada e regular, que estabelece uma visão compartilhada para lidar com a migração internacional com base na cooperação multilateral, na soberania dos Estados e na promoção dos direitos humanos dos migrantes (Nações Unidas, 2018).

Esse movimento massivo de escala global, por razões e motivações distintas, pode, no entanto, provocar diversas reações nas populações locais, entre as quais a xenofobia, que é impulsionada por fatores de identificação religiosa e étnica, concorrência econômica e diferenças de culturas (Barberis; Costa; Castiglione, 2023). Na sociedade brasileira, as manifestações xenofóbicas apresentam-se de diversos modos, sendo influenciadas por fatores históricos, sociais e políticos.

O aumento das manifestações de ódio antimigratório, principalmente em cidades fronteiriças, fomentou a xenofobia, promovendo a intolerância contra minorias e grupos em vulnerabilidade (Guizardi; Mardones 2020). Essas manifestações também alcançam o ambiente educacional, inclusive no ensino superior, promovendo a exclusão e dificultando a integração, com impactos na saúde emocional e mental desses imigrantes (Santos; Diana, 2018).

O estudo sobre a xenofobia docente no âmbito da educação superior é relevante, pois essas instituições são espaços sociais e refletem questões sociais mais extensas, incluindo a própria xenofobia, que pode impactar a coesão social e a inclusão de modo significativo (Mgogo; Osunkunle, 2023), além de poder despotencializar, se não anular, o valor dos novos conhecimentos aportados pelos docentes. Além disso, esse fenômeno contribui para um ciclo de violência escolar, enfatizando a necessidade urgente de levantar seus efeitos angustiantes sobre quem os sofre nos ambientes educacionais (Dube; Setlalentoa, 2024).

Ademais, grande parte das pesquisas sobre a xenofobia na seara educacional, independentemente do nível de ensino, no Brasil, está direcionada para o estudante (Kohatsu;

Saito, 2022; Morais; Campos; Cotrin, 2023; Fischmann, 2020). Na literatura internacional, também é possível encontrar estudos nesse sentido (Metin *et al.*, 2023; Mgogo; Osunkunle, 2023; Ngobeni, 2022), resultando, portanto, na carência de pesquisas direcionadas aos docentes. Essa é a lacuna que esta pesquisa observou e busca ajudar a preencher na literatura ligada ao tema.

À vista disso, e considerando a supressão das fronteiras e a internacionalização da educação, este artigo busca analisar a percepção dos(as) docentes estrangeiros sobre as manifestações xenofóbicas no ambiente da educação superior federal brasileira, identificando as principais formas de ocorrência, verificando quais os impactos implicados sobre o bem-estar desse grupo de pessoas. Ademais, busca-se, também, analisar, a partir da visão do(a) professor(a) estrangeiro(a), se as suas respectivas instituições dispõem de políticas ou programas que sejam capazes de fomentar o respeito e a diversidade cultural em seus ambientes.

Almeja-se, portanto, contribuir no preenchimento dessa lacuna e, além disso, busca-se constatar como essas atitudes são capazes de influenciar os diversos aspectos da vida dos(as) professores(as).

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Xenofobia

A xenofobia, que se caracteriza por um temor excessivo diante de pessoas estranhas ou estrangeiras, revelou-se, no decorrer da História, de maneiras diferentes, pois é influenciada por fatores sociais, políticos e econômicos. Análises históricas revelam que a xenofobia não é fato hodierno e sim parte sistemática do desenvolvimento histórico das sociedades (Baker, 2022). Na Roma antiga, ela era alimentada por uma crença de que os estrangeiros seriam culturalmente inferiores (Alves, 2019). Para a América, esse temor entranhado do imigrante foi formado pela história nacional do colonialismo dos povoadores brancos, escravidão e racismo sistemático (Paalo; Adu-gyamfi; Arthur, 2022).

No caso brasileiro, a xenofobia está associada, também, ao racismo estrutural e ao ideal forjado no embranquecimento, sendo direcionada, especialmente, a sujeitos racializados, como negros e indígenas, por exemplo, que representam, na percepção social construída historicamente, o mais estrangeiro dentre os estrangeiros (Redin; Reichert, 2024). Nesse cenário, a xenofobia ultrapassa o campo da exclusão política e econômica e se manifesta por meio da linguagem e dos sistemas de representação simbólica, os quais desumanizam o estrangeiro e reforçam sua posição de ameaça, como analisa Ribeiro (2022), apoiando-se em Woodward (2014). Para Ribeiro (2022, p. 118), “as diferentes práticas discriminatórias contra estrangeiros ganham forma na linguagem, em qualquer que seja a sua manifestação semiótica”.

A institucionalização moderna da xenofobia inicia-se com o Estado-Nação e seu juízo de discriminação de pessoas/cidadãos pelo lugar de nascimento. O estrangeiro é, nesse caso, banido de direito, explorado e submetido estruturalmente aos princípios de exceção (Rigouste, 2018). Além disso, a ascensão de forças políticas nacionalistas reforça essa discriminação, atacando liberdades e propondo a restrição de direitos das minorias, com discursos de ódio e manipulação demagógica. Esses grupos retratam o imigrante como uma ameaça à identidade cultural e aos empregos da população local (Castro, 2023).

Esse nacionalismo que alimenta a xenofobia repete-se em diferentes continentes. Na América do Sul, Culpi, Mèrcher e Pereira (2021) analisam como, a partir de 2015, governos sul-americanos promoveram práticas xenofóbicas. Já Costa e Vieira (2019) mostram que, na União Europeia, discursos desumanizantes contra povos do sul global — herdados do colonialismo — ainda sustentam a discriminação xenófoba na atualidade.

Todavia, a xenofobia atinge com maior intensidade determinados grupos de imigrantes e pode estar relacionada com alguma situação específica, como períodos de instabilidade global e/ou econômica, o que pode ser observado em tempos de crise, como com a Covid-19 (Chen; Trinh; Yang, 2020). A exemplo desse fato, de situação específica de instabilidade global/econômica, podem-se citar alguns estudos (Cheng, 2020; Rzymski; Nowicki, 2020), que demonstraram uma sucessão de episódios xenofóbicos contra asiáticos como um todo em razão da pandemia da Covid-19, sobretudo por sua rápida disseminação, relevância global e origem na cidade chinesa de Wuhan.

A África também enfrenta um processo migratório relevante na conjuntura atual em todo o mundo. Segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR, 2024a), o continente africano possui aproximadamente 7,4 milhões de refugiados em outros países, originando-se, principalmente, de nações como Sudão do Sul, Sudão, Congo, Somália e República Centro-Africana. Os migrantes daquele continente realizam suas viagens se utilizando de transportes em condições precárias e, até mesmo, infiltrados em navios sujeitos a condições insalubres. As imagens distribuídas pelos diversos meios de comunicação mostram esses migrantes e refugiados desesperados a tentar atravessar o mar mediterrâneo para a Europa, com explícito aumento desde 2014 (Williams, 2019).

De acordo com o ACNUR (2024b), aproximadamente 65% dos refugiados no mundo – o equivalente a 24,2 milhões de pessoas – têm origem em apenas quatro países: Síria, com 6,4 milhões de deslocados; Venezuela e Afeganistão, com 6,2 milhões de deslocados cada um; e a Ucrânia, com 6,1 milhões. Por outro lado, cinco países concentram 32% da população refugiada global: Colômbia, Alemanha, Irã, Uganda e Turquia. Isso significa que quase uma em cada três pessoas refugiadas no mundo foi acolhida por essas nações.

Muitos migrantes e refugiados de diferentes continentes são crianças, jovens e profissionais em busca de proteção e melhores condições de vida. Nesse contexto, o ambiente educacional pode, por vezes, propiciar condições para ocorrência de atitudes xenófobas por parte da população local. Mesmo sem discriminação explícita, esses migrantes podem enfrentar preconceito velado nas instituições de ensino (Kohatsu; Saito, 2022).

2.1.1 Manifestações de xenofobia no ambiente educacional

A xenofobia nos ambientes de ensino é considerada como um desafio importante, pois tem o poder de influenciar o bem-estar mental e o senso de integração dos alunos e professores estrangeiros, em especial quanto à sua preponderância sobre imigrantes estereotipados pelas mídias, fator esse que contribui ainda mais para percepções e atitudes depreciativas em relação a esse grupo (Mgogo; Osunkunle, 2023). Destarte, controlar esse tipo de manifestação acaba se tornando mais difícil pelo crescimento global da retórica e de políticas xenófobas emergentes, ressaltando a importância de os educadores articularem preceitos de inclusão e justiça (Metin *et al.*, 2023).

Na sociedade brasileira, as demonstrações de xenofobia são diversas e abrangem diferentes contextos, inclusive o ambiente educacional, como mostra o estudo de Kohatsu e Saito (2022), que foi realizado com alunos bolivianos ou brasileiros filhos de bolivianos do ensino fundamental e médio. Nessa pesquisa, evidenciou-se que as agressões sofridas em decorrência de traços físicos ou pela nacionalidade acometeram esses alunos em diferentes momentos da trajetória escolar e em diferentes instituições de ensino.

No contexto da educação superior, a xenofobia cria uma névoa de intolerância que afeta de forma negativa a experiência dos estrangeiros na comunidade acadêmica (Fischmann, 2020). Além disso, ela pode causar transtornos como ansiedade, depressão e outros problemas de ordem emocional, que comprometem a saúde mental e a qualidade de vida durante o período de vivência na academia (Mancebo, 2023).

A xenofobia na educação superior apresenta múltiplas faces e ocorre em diferentes contextos globais, afetando significativamente estudantes, docentes, o próprio ambiente acadêmico e percepções sociais mais amplas (Mgogo; Osunkunle, 2023). Haft e Zhou (2021), em estudo com alunos sino-americanos da educação superior nos Estados Unidos, identificaram aumento da discriminação a partir do início da pandemia da Covid-19, além da ampliação dos sintomas de ansiedade. Na África do Sul, estudantes estrangeiros da universidade de Joanesburgo relatam experiências de xenofobia, como discriminação linguística e a exclusão social e acadêmica (Ngobeni, 2022).

Para Vieira (2022), a xenofobia, no contexto das universidades brasileiras, configura-se como um problema estrutural e pouco debatido, afetando diretamente pessoas estrangeiras da comunidade acadêmica, que enfrentam exclusão, estigmatização e preconceito no cotidiano. Ainda segundo a autora, os relatos de discriminação acadêmica, além da desvalorização cultural e das barreiras linguísticas, são frequentes e se agravam diante de discursos políticos excludentes e da ausência de políticas públicas efetivas. Tais fatores provocam impactos profundos na saúde mental das vítimas, gerando sentimentos de medo, isolamento, ansiedade e, em casos extremos, risco à própria vida.

Por outro lado, de acordo com Morais, Campos e Cotrin (2023), as instituições de educação têm capacidade de ser bastante acolhedoras; tanto os professores quanto os alunos brasileiros e, fundamentalmente, os próprios colegas de mesma nacionalidade têm papel fundamental para a recepção e a promoção de situações para a integração dos estrangeiros nas escolas. A integração com outros alunos e professores possibilita aos imigrantes a capacidade de transmitir e receber conhecimentos, e isso serve como alicerce para proporcionar o seu desenvolvimento mútuo (Aita; Tuleski, 2017).

Atrelado a isso, a implementação de políticas antidiscriminatórias é essencial para garantir a igualdade de oportunidades e o respeito à diversidade na educação (Oliveira; Horochovski, 2021). Essas políticas devem buscar criar um ambiente mais receptivo e inclusivo para os estrangeiros, oferecendo suporte emocional, linguístico e social (Fischmann, 2020). Além disso, é importante envolver toda a comunidade acadêmica nesse processo, incentivando o diálogo e a reflexão sobre as questões relacionadas à diversidade cultural. Somente assim, será possível construir um ambiente acadêmico verdadeiramente inclusivo e multicultural (Milesi; Coury; Rouvery, 2018).

2.2 O contexto da internacionalização universitária

Desde as últimas décadas, segundo Hatsek, Woicolesco e Rosso (2023), a educação tem passado por transformações que influenciam diretamente as políticas supranacionais, compreendidas como diretrizes, indicações e recomendações emitidas por organismos internacionais de educação. A internacionalização do ensino superior é uma tendência transformadora influenciada por fatores sociais, culturais, econômicos e políticos, enfatizando valores humanos e novas perspectivas para o fortalecimento da educação global (Tran *et al.*, 2023).

Para Morosini (2019), esse é um processo de integração em duas dimensões: a dimensão internacional e a dimensão intercultural, sendo um meio para concepções mais amplas e densas relacionadas ao bem viver, ao desenvolvimento sustentável e ao alcance de uma cidadania global.

Já para Santos Filho (2020), o processo de internacionalização não pode ser entendido como um conjunto de forças independentes, pois comprehende três dimensões, quais sejam: a internacional (foco nas relações entre nações e instituições educativas), a intercultural (voltada para o encontro direto entre culturas) e a global (ultrapassa os limites culturais e institucionais e alcança o plano das estruturas, redes e valores globais). Ou seja, significa que é uma relação triangular entre nações, culturas ou países.

O desenvolvimento dessa internacionalização passou, nos últimos anos, a ser estratégico no setor educacional superior, reforçando o fato de a globalização estar cada vez mais estabelecida no cenário mundial (Wit, 2019). Na sociedade globalizada, o conhecimento torna-se importante para o desenvolvimento sustentável dos países, e as instituições de ensino superior têm investido nesse processo de romper as barreiras nacionais, tornando-o um importante elemento no processo de cooperação e produção entre seus países e os respectivos mercados (Morosini; Corte, 2018).

Diante disso, todo esse movimento passa a ser um recurso de interesse de muitas universidades em todo o mundo, não como um aspecto que lhes é imposto e que precisam cumprir, mas como uma decisão individual de cada instituição, resultado do entendimento sobre a sua importância para o país como promotora do desenvolvimento das ciências em geral (Pereira, 2019).

Essa relação é estabelecida entre a educação superior e a globalização, que se refere ao contexto macro da interconectividade global que exige respostas da própria educação superior associadas aos conceitos de cooperação internacional, que são as ações deliberadas entre instituições e governos para promover intercâmbio acadêmico, pesquisa e formação colaborativa, além da educação internacional e da mundialização, que representa a integração desses elementos. Tal relação é apoiada, também, pela contribuição dada por docentes estrangeiros, que trazem consigo suas experiências, perspectivas e conhecimentos para enriquecer o ambiente acadêmico (Wit, 2019).

3. METODOLOGIA

Esta seção tem como objetivo apresentar a abordagem metodológica adotada neste estudo, enfatizando a caracterização da pesquisa e as técnicas que foram utilizadas para coleta e para a análise de dados. Além disso, serão destacados os participantes da pesquisa, proporcionando uma visão ampla do percurso metodológico empregado.

No que diz respeito aos objetivos, esta pesquisa é considerada descritiva, pois se dispõe a descrever a percepção do(a) docente estrangeiro(a) sobre as manifestações xenofóbicas no âmbito da educação superior, identificando as propriedades, as características e os traços mais relevantes para o fenômeno analisado (Sampieri; Collado; Lúcio, 2013).

Quanto à abordagem do problema, classifica-se como de caráter misto, pois possui uma perspectiva investigativa que combina a coleta de dados quantitativos e qualitativos, integrando ambos os tipos de dados e empregando diferentes desenhos que refletem pressupostos filosóficos e estruturas teóricas. A premissa fundamental dessa abordagem é que a combinação de dados qualitativos e quantitativos proporciona uma compreensão mais abrangente do que a obtida a partir de dados quantitativos ou qualitativos de forma isolada (Creswell; Creswell, 2012).

Esta pesquisa utilizou o levantamento como procedimento técnico, por permitir a coleta de dados sobre características, ações ou pontos de vista de um grupo de pessoas, por meio de questionários com escalas de mensuração. Esse método possibilita ao pesquisador interpretar, discutir e correlacionar estatisticamente os dados, oferecendo uma visão coletiva do comportamento do grupo e reunindo, portanto, aspectos das abordagens quantitativa e qualitativa (Michel, 2015).

No que diz respeito ao período da coleta de dados, a pesquisa é considerada de corte transversal, uma vez que os dados foram coletados em um ponto determinado do tempo, entre maio e agosto de 2024, utilizando-se como base uma amostra aleatória, alcançando-se, dessa forma, uma imagem pronta capaz de informar acerca da situação social do momento em que se coletaram os dados (Richardson, 2017). Quanto ao desenho, a presente pesquisa pode ser classificada como não-experimental, pois observa os fenômenos da maneira como aconteceram dentro do contexto natural para posterior análise (Sampieri; Collado; Lúcio, 2013).

Os participantes da pesquisa foram os professores e professoras não brasileiros natos e que possuem vínculo com as instituições de ensino superior federais brasileiras (na graduação ou pós-graduação) com, pelo menos, 01 (um) ano de docência nas referidas universidades.

Os dados primários foram coletados por meio de questionário misto, de perguntas abertas e fechadas com escala de Likert, na forma de escala de avaliação, com a utilização de formulários do *Google Forms*. De acordo com Symon (2012), por combinar questões abertas e fechadas, esse tipo de questionário permite uma coleta de dados de forma mais abrangente e detalhada, assentindo uma análise qualitativa e quantitativa das informações.

O questionário foi submetido e devidamente aprovado por comitê de ética e pesquisa, conforme parecer consubstanciado no CAAE: 78203224.5.0000.5294, para então, somente após consentido, ser encaminhado via *e-mail* institucional dos(as) docentes e aplicado por meio dos formulários pela plataforma *Google*. O endereço eletrônico dos(as) professores(as) foi solicitado diretamente para 69 universidades federais brasileiras das cinco regiões do país por meio do *site* Fala. br, que é uma plataforma integrada de ouvidoria e acesso à informação do Poder Executivo federal.

Algumas instituições de ensino, justificando-se na lei de proteção de dados, não forneceram os *e-mails* dos(as) docentes; todavia, indicaram endereço eletrônico para onde o questionário

deveria ser enviado para posterior compartilhamento junto ao público de interesse deste estudo. Dessa forma, todas as 69 universidades de todas as regiões brasileiras e seus/suas docentes foram convidados e convidadas a contribuírem com esta pesquisa.

O roteiro de entrevista do questionário contou com 33 perguntas, sendo 23 delas fechadas e outras 10 questões abertas. Além disso, foi estruturado em seis blocos temáticos e contou com a resposta de 205 docentes estrangeiros dos níveis de graduação e pós-graduação. O bloco 1 (um) abrangeu o perfil sociodemográfico e profissional dos respondentes; o bloco 2 (dois) tratou das experiências de xenofobia vividas no Brasil; o bloco 3 (três) investigou os impactos pessoais e profissionais da xenofobia; o bloco 4 (quatro) explorou possíveis causas e as percepções dos participantes sobre esse fenômeno. O bloco 5 (cinco) abordou as percepções individuais dos e das participantes em relação aos comportamentos institucional e da comunidade acadêmica em relação à xenofobia; e o bloco 6 (seis) coletou informações sobre as políticas institucionais e medidas de prevenção em relação à xenofobia no ambiente acadêmico.

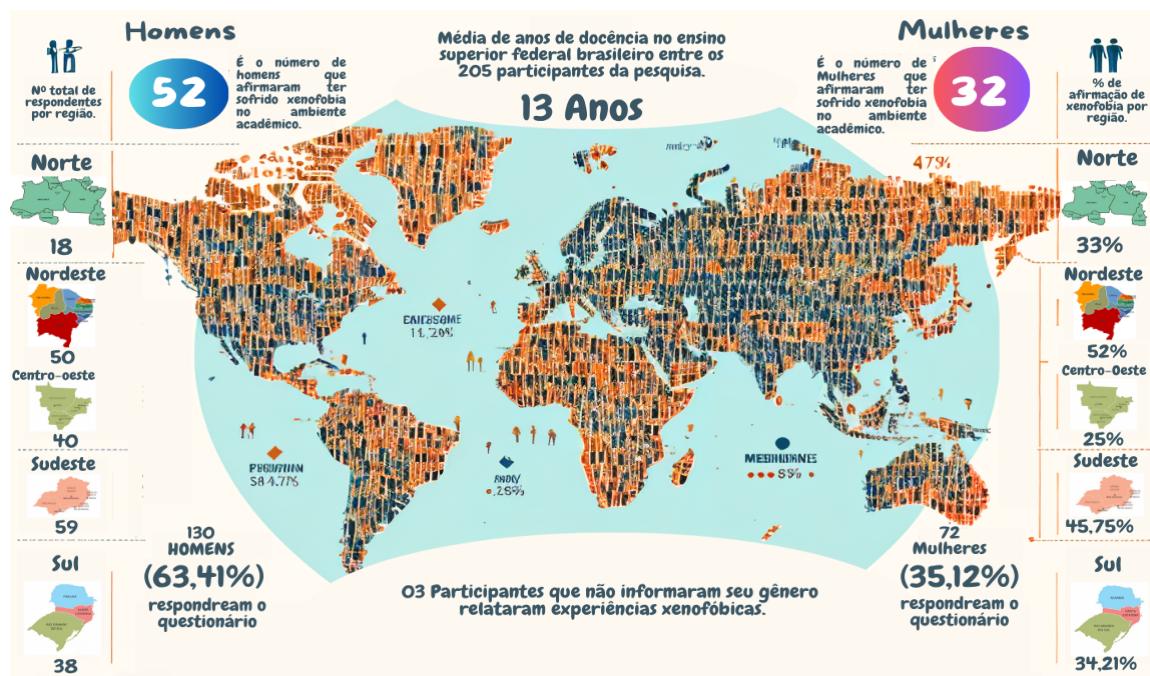
O tratamento dos dados foi realizado por meio de análise de conteúdo, que pode ser compreendida como um “conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção dessas mensagens” (Bardin, 2011, p. 47). As distintas fases para a análise de conteúdo, como a experimentação ou o inquérito sociológico, organizam-se em três polos cronológicos, quais sejam: pré-análise, exploração do material e o tratamento dos dados, a inferência e a interpretação (Bardin, 2016).

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, dedicar-nos-emos à discussão dos resultados achados junto aos docentes não brasileiros natos com, pelo menos, um ano de trabalho e que atuam nas universidades públicas federais brasileiras. Assim sendo, as respostas do questionário baseiam-se na experiência e nas percepções individuais de cada um/uma deles(as).

As informações presentes na Figura 1 apresentam referências gerais importantes para a compreensão da pesquisa, do perfil dos participantes, além da distribuição e percepções de atitudes xenófobas pelas regiões brasileiras. Nos discursos examinados, verificou-se que determinados atos de xenofobia se repetiram de forma semelhante com diferentes docentes estrangeiros, além da percepção desses(as) professores(a) sobre fatores que estão diretamente atrelados ao aumento ou diminuição de ações de xenofobia.

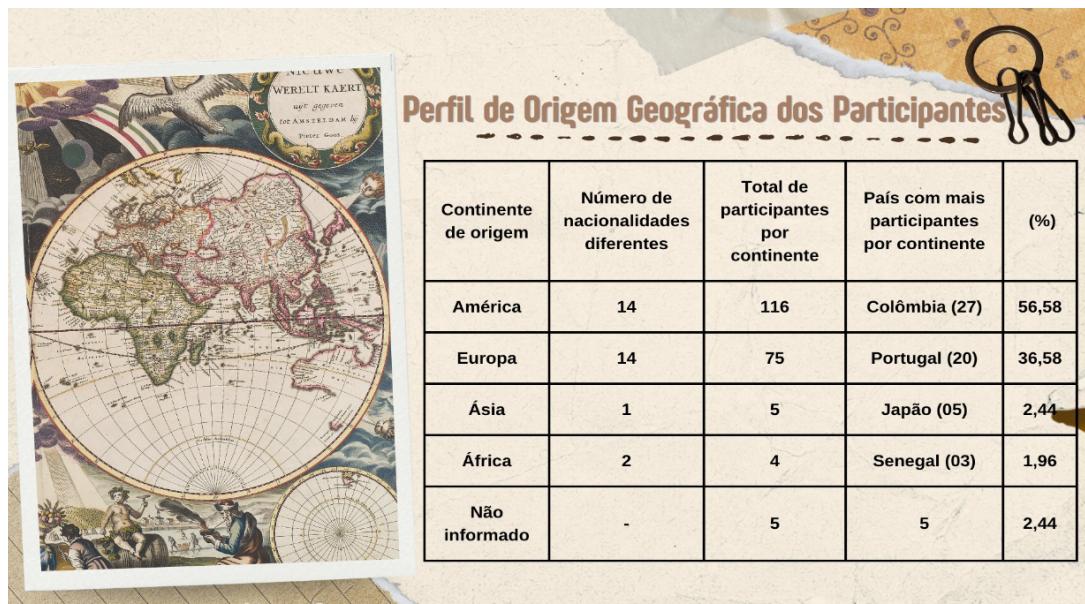
Figura 1 – Distribuição por gênero e respondentes por região



Fonte: elaboração própria.

O Brasil possui, de acordo com as universidades federais, via consulta pelo Fala.br, cerca de 2.800 docentes estrangeiros ligados às instituições de ensino superior federais brasileiras, e esta pesquisa obteve resposta de 205 professores e professoras, o que representa, aproximadamente, 7,32% da população total alvo do estudo. Os docentes que declararam ser do gênero masculino somam 130 pessoas (63,41%), enquanto 72 (35,12%) se definiram como do gênero feminino e 3 participantes optaram por não declarar o seu gênero, somando 1,47% do total dos respondentes.

A Região Sudeste, como mostra a Figura 1, acomoda a maior fatia na participação docente nesta pesquisa, sendo seguida pela Região Nordeste. A Região Norte é a que dispõe do menor número de professores(as) participantes; e as Regiões Sul e Centro-Oeste estão na posição intermediária, com o quantitativo de docentes bem aproximado entre elas. Em relação aos continentes, a América contribuiu com o maior número de respondentes da pesquisa, com 56,58%; o continente europeu apresentou 36,58%; e a África e a Ásia tiveram 2% cada uma, aproximadamente. Não houve respondentes da Oceania; e o número de pessoas que não informaram a sua nacionalidade ficou em torno de 2%. A Tabela 1 nos ajuda a visualizar esses números com maior clareza.

Tabela 1 – Perfil de origem geográfica dos participantes


Continente de origem	Número de nacionalidades diferentes	Total de participantes por continente	País com mais participantes por continente	(%)
América	14	116	Colômbia (27)	56,58
Europa	14	75	Portugal (20)	36,58
Ásia	1	5	Japão (05)	2,44
África	2	4	Senegal (03)	1,96
Não informado	-	5	5	2,44

Fonte: elaboração própria.

Cerca de 42,43% (87) dos(as) docentes que responderam ao questionário aplicado afirmaram que já experimentaram situações em que se sentiram alvo de xenofobia por parte de outros servidores (técnicos/as ou professores/as) ou mesmo de discentes da instituição de ensino a que estavam ligados(as). A xenofobia simbólica, incluindo as percepções, as atitudes e os comportamentos relacionados, é vivenciada pelos não-nacionais nas instituições de ensino superior (Mgogo; Osunkunle, 2023).

Desse extrato, identificou-se que 32 eram mulheres, representando 36,78% do total daqueles que afirmaram ter sofrido algum tipo de situação xenófoba; enquanto os homens representaram 59,77% ou 52 participantes. Os que não informaram ou não quiseram indicar o gênero somam 3 respondentes, ou 3,45% do total. As situações xenofóbicas que mais foram relatadas estão ligadas à língua, à ocupação de vaga que deveria ser ocupada por um brasileiro nato, ao assédio moral e a questões fenotípicas, como é possível verificar nas respostas abaixo:

Pediram para eu fazer fonoaudiologia para excluir meu sotaque (Entrevistado 03).

Alguns técnicos da universidade fizeram comentários agressivos sobre o meu sotaque, e isso me afetou (Entrevistado 128).

Colegas de profissão se manifestaram que assumindo a vaga de professor eu estaria tirando a vaga de um brasileiro e que achavam isso errado (Entrevistado 72).

Sinto xenofobia por parte dos discentes, servidores e colegas... no sentido de que, como estrangeiro, me encontro ocupando um cargo que devia ser para brasileiros (Entrevistado 94).

Os meus colegas professores (doutores) sentem-se no direito de me tratar como escravo e animal de carga para fazer tarefas (Entrevistado 89).

Fui comparada com pessoa do povo indígena pelas minhas características similares, mas não de uma maneira respeitosa, foi do tipo irônico e desagradável (Entrevistado 08).

Com base nas respostas coletadas a partir das experiências, há indícios de que essas circunstâncias envolveram comentários ofensivos, piadas ofensivas e discriminação explícita, sugerindo que muitos dos participantes sofrem xenofobia de maneira aberta em seus locais de trabalho. Muitos reportaram problemas com relação ao sotaque e à estigmatização da pronúncia do português, indicando que as barreiras linguísticas são agentes relevantes nas experiências xenofóbicas.

Nas respostas, observou-se um preconceito cultural, em que os docentes estereotipados, inclusive, sentiram que suas competências foram questionadas devido às suas origens, demonstrando que a xenofobia também pode se exteriorizar por meio dos estigmas culturais. Tudo isso acaba por tornar o ambiente hostil para essas pessoas, com relatos de sensação de isolamento por parte da comunidade acadêmica, o que tem potencial de gerar impacto negativo no ambiente de trabalho, no desempenho profissional e no bem-estar desses professores.

Nos formulários, cada participante relatou, com base em sua experiência real, a forma como lidou com as situações de xenofobia com as quais se deparou. Dentro dessa realidade, emergiram diferentes unidades de contexto, entre as quais as que mais se repetiram foram: sentimento de exclusão, impacto no desenvolvimento de atividades profissionais, e influências psicológicas. Os trechos abaixo das respostas dos professores e professoras mostram como as experiências reforçaram o sentimento de exclusão:

A gente se sente excluída, sente que não pertence a um dado grupo e isso faz muito mal para nossa vida (Entrevistado 32).

Gera um sentimento de exclusão pelo simples fato de ter nascido em outro país diferente, a consequência é evitar participar de determinadas atividades na universidade (Entrevistado 165).

O sentimento de não ser aceito pelo simples fato de ter nacionalidade diferente traz muita tristeza e angústia para mim (Entrevistado 185).

Ânimo abalado, tristeza e solidão. Quando somos imigrantes e não temos por perto ninguém da família nem amigos de toda a vida, o sentimento de solidão se intensifica (Entrevistado 51).

Os docentes também relataram que os atos de xenofobia influenciam diretamente no desenvolvimento de suas tarefas laborais e na saúde mental. Exemplos dessas influências mais reportadas são evitar participar de atividades do próprio departamento, sensação de falta de relevância acadêmica, prejuízo para formação acadêmica dos discentes, além de ter afetado de forma negativa sua condição psicológica. A ansiedade e a depressão, geradas a partir de atos xenófobos, são adversidades que afetam diretamente a saúde mental e, consequentemente, o bem-estar do indivíduo durante sua vivência na universidade (Mancebo, 2023). Outros trechos das respostas dos participantes demonstram os sentimentos decorrentes das atitudes xenofóbicas.

Fiquei com medo de assistir às reuniões do colegiado, fiquei com insegurança sobre as minhas capacidades, é uma sensação de estar só, com pouca solidariedade de colegas, insegurança em relação ao estágio probatório e falta de concentração no preparo das aulas (Entrevistado 42).

Em reuniões de colegiado, por vezes, a minha opinião e experiência são descartadas, algo que nunca observei com outros colegas. Toda minha experiência foi ignorada em colegiado (Entrevistado 09).

Em muitas situações, sinto que minhas colocações não estão sendo consideradas e valorizadas por alguns colegas e é uma sensação ruim (Entrevistado 105).

Afeta principalmente no desenvolvimento de pesquisa e na formação que deveria passar para os alunos (Entrevistado 142).

Ânimo baixo, muita tristeza, influenciando na vontade de participar das atividades do departamento. Também influencia no trato com familiares (Entrevistado 204).

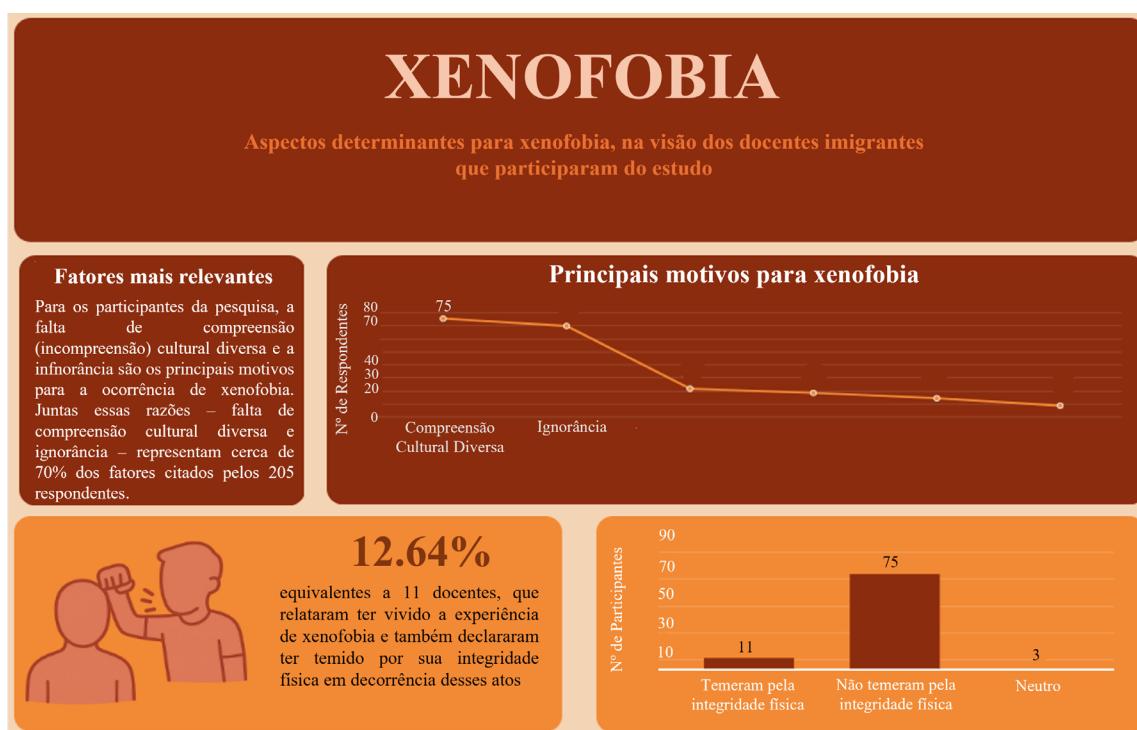
Nesse sentido, muitas respostas referenciaram significativo impacto emocional nos participantes, incluindo sentimentos de tristeza, desânimo e isolamento, afetando diretamente a confiança deles e delas e gerando, com base nas menções, falta de motivação e sentimento de desvalorização no trabalho. Algumas respostas fazem referência à falta de apoio por parte das instituições, fato que pode gerar o agravamento no impacto das experiências e expandir o sentimento de desamparo.

Quando questionados sobre o motivo impulsionador de ações degradantes como a xenofobia no ambiente da educação superior, a maior parte dos respondentes identificou a falta

de compreensão cultural diversa como um fator determinante para as atitudes xenofóbicas. Outros fatores foram mencionados e incluíram ignorância, influências políticas e questões sociais, destacando a complexidade dos contextos nos quais a xenofobia se manifesta. Contudo, houve relatos de pessoas que conseguiram lidar com as situações mencionando resiliência para superar essas adversidades.

Apesar de a grande maioria dos respondentes que reportaram xenofobia – cerca de 84% – relatarem que essas situações não colocaram em risco a sua integridade física, uma parcela de 12,64% expôs preocupação em relação a sua segurança pessoal, fato esse que deve ser levado em consideração, pois todos os tipos de agressões têm implicações negativas na vida das vítimas dentro do âmbito educacional. Em alguns casos, inclusive, é necessária a busca por ajuda psicológica (Kohatsu; Saito, 2022).

Figura 2 - Aspectos determinantes para xenofobia



Fonte: elaboração própria.

Diante, pois, dos números apresentados, na Figura 2, sobre os aspectos determinantes para as práticas de xenofobismo, destacamos alguns relatos, em seguida, que corroboram o sentimento dos participantes e nos ajudam a compreender as suas percepções individuais que acabam se tornando ainda mais relevantes quando aglutinadas em um indicador. Cabe ressaltar, ainda, que 11 respondentes, ou 12,64% dos que afirmaram ter vivenciado a xenofobia, relataram que temeram que as ações xenofóbicas atravessassem as barreiras das hostilidades verbais e psicológicas e chegassem a agressões físicas de fato.

Pode ser a entrada maior de estrangeiros e a criação de entendimentos culturais diversos, compreensão de visão de mundo objetivamente diferentes que impõe ao povo brasileiro dificuldades que estão além das suas possibilidades (Entrevistado 22).

A xenofobia está em uma crescente, mas com viés étnico-racial e de classe social (Entrevistado 34).

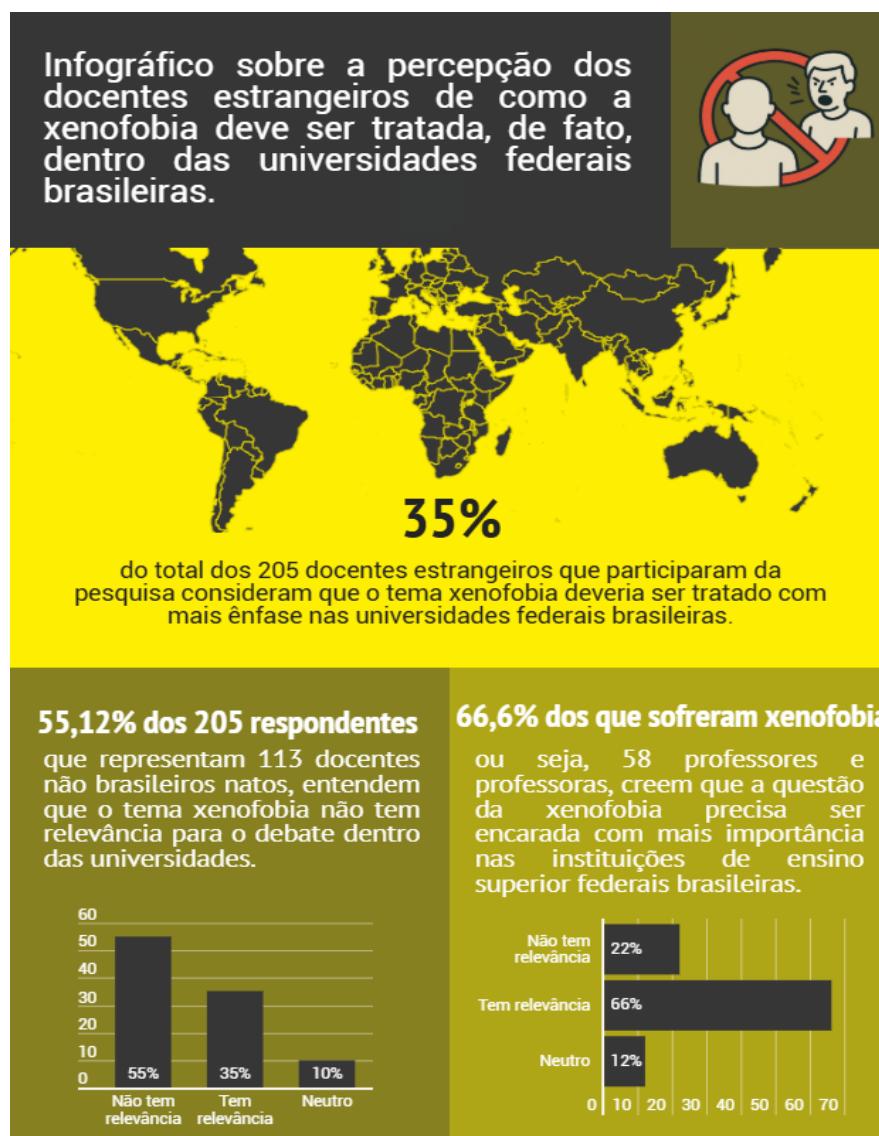
A minha integração é maior porque conheço melhor a cultura local, mas reconheço que as questões culturais podem aumentar a xenofobia (Entrevistado 77).

Vejo que a xenofobia aumentou. Talvez pela ignorância, condição social e ideologia política (Entrevistado 126).

Traçando um paralelo entre os fatores que contribuem para as atitudes xenofóbicas e as respostas subjetivas do questionário, a falta de compreensão cultural diversa, na visão desses(as) docentes, pode ser contornada a partir da educação e sensibilização da comunidade. Questões como a retórica nacionalista ou políticas de segregação consagradas nos discursos de líderes políticos estampam as respostas ligadas à influência política. Outro aspecto é a questão social, que é vista diretamente ligada pela competição por recursos ou empregos em contextos de escassez, e são explicitamente citados nas respostas do questionário.

Também foram elencadas questões ligadas ao tratamento dado à xenofobia que se desenvolve na academia de fato. No que concerne à relevância que a temática ocupa ou deveria ocupar dentro das universidades, quando consideramos todos os respondentes, independentemente de terem sofrido episódios xenófobos, pouco mais da metade (55%) dos docentes entende que esse tema não tem relevância para o debate dentro das instituições, enquanto um terço (35%) afirma que a questão deveria ser tratada com mais ênfase.

Essas percepções sofrem significativas alterações quando levados em consideração apenas os/as docentes que já experimentaram a xenofobia nas suas instituições. Para esse grupo específico de docentes, o tema tem relevância para 69% dos respondentes; por outro lado, cerca de um quinto, ou 21%, posiciona-se na afirmativa de que não há relevância para o debate no âmbito acadêmico. A Figura 3, que aparece na sequência, ajuda a compreender essas concepções tanto do grupo total de participantes da pesquisa, quanto da parte que informou ter passado por atitudes xenófobas.

Figura 3 - Percepção sobre a relevância da xenofobia nas universidades

Fonte: elaboração própria.

O questionário dispôs ainda de um bloco composto por perguntas fechadas, que tratam sobre a percepção dos docentes em relação ao comportamento da administração institucional diante das práticas xenofóbicas. As perguntas foram estruturadas em escala tipo Likert, sendo avaliada de 1 – 5, com as respectivas legendas na seguinte ordem: 1 - Discordo totalmente; 2 - Discordo; 3 - Não concordo nem discordo; 4 - Concordo; 5 - Concordo totalmente. A Tabela 2 revela as percepções sobre o contexto e a possibilidade de programas de sensibilização para mitigação da xenofobia nas instituições de ensino superior federal do Brasil, segundo os participantes vítimas de atos xenofóbicos.

Tabela 2 – Resposta quanto à percepção docente sobre ação institucional diante da xenofobia

Sentença	Frequência bruta em cada um dos pontos da escala						
	Discordo Totalmente [1]	Discordo [2]	Não concordo nem discordo [3]	Concordo [4]	Concordo totalmente [5]	Top Two Box CT [1] e C[2]	Bottom Two Box DT [5] e D [4]
A administração da Universidade está ciente desse problema?	54,12%	10,59%	20,00%	7,06%	8,23%	64,71%	15,29%
A administração toma alguma atitude em relação a estas questões?	62,35%	8,25%	20,00%	7,05%	2,35%	70,60%	9,40%
A sua instituição possui políticas específicas para combater a xenofobia no ambiente acadêmico?	54,11%	9,42%	22,35%	4,70%	9,42%	63,53%	14,12%
Você acredita que é útil a implementação de programas de sensibilização para a comunidade acadêmica sobre diversidade cultural?	0	1,18%	4,71%	14,11%	80,00%	1,18%	94,11%

Fonte: elaboração própria.

Se avaliarmos o Top Two Box CT, da Tabela 2, que representa o somatório dos que responderam a opção “Discordo totalmente” com a alternativa “Discordo”, verificamos que, para mais de 64,71% dos afetados pela xenofobia, a administração das universidades não tem conhecimento sobre os atos xenofóbicos dentro das instituições; e que, para 70,60%, mesmo a administração sabendo das ocorrências, não há uma abordagem ativa para resolução dos fatos. Isso nos mostra uma preocupante desconexão entre a administração das universidades e a realidade a que estão submetidos e submetidas mais de 40% dos/das docentes imigrantes nas instituições de ensino superior federais brasileiras que participaram deste estudo.

A continuidade da análise do TOP Two Box CT nos revela, ainda, que para 130, ou 63.53%, dos docentes que responderam à pesquisa, as instituições não possuem políticas específicas voltadas para o combate da xenofobia nas universidades. Por outro lado, 94.11% dos participantes afirmam, conforme mostra o Bottom Two Box CT, que representa o somatório do “Concordo” com o “Concordo totalmente”, que a implementação dessas políticas/programas seria benéfica

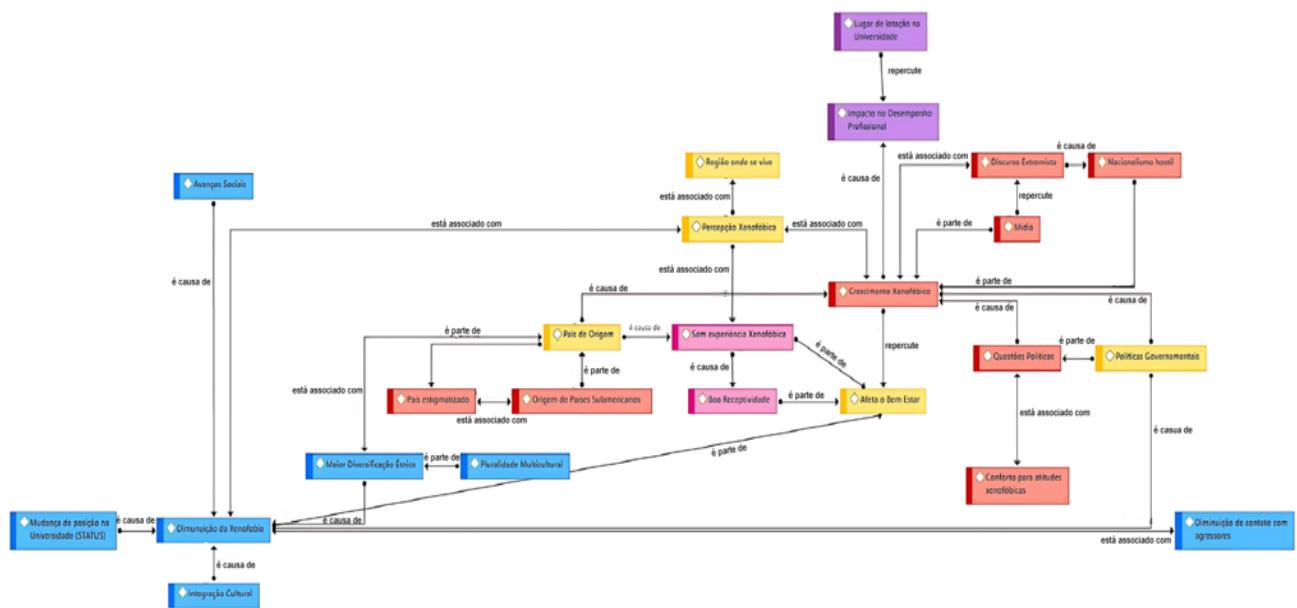
à sensibilização da comunidade acadêmica, visto que o respeito e o direito ao tratamento justo independem do lugar de origem.

Outro quesito levado aos docentes não brasileiros natos foi a questão sobre a hipótese de deixar o Brasil em decorrência de xenofobia experienciada dentro do ambiente acadêmico. As respostas indicaram que, embora 87 respondentes (cerca de 42,43% do total de participantes) tenham reportado experiências de xenofobia, os que consideraram deixar o país em virtude das situações xenofóbicas representam cerca de 15% (13 docentes), enquanto 85% (74) dos(as) professores(as) não cogitaram em momento algum sair do Brasil em consequência dos atos praticados contra eles.

Por último, foi perguntado aos professores(as) participantes qual a percepção sobre o nível de xenofobia em relação ao tempo que estão no Brasil. Para 23,90% dos 205 respondentes, a resposta foi sim, que perceberam uma diminuição das atitudes xenófobas dos brasileiros. Entretanto, 36 professores(as), ou 17,56%, afirmaram que não, a xenofobia não diminuiu, na verdade foi perceptível o aumento durante todo o período desde a sua chegada ao Brasil. A maior parte do público-alvo da pesquisa, 58,83% dos docentes, indicou que não houve mudança e que os casos de xenofobia se mantiveram nos mesmos níveis, uma vez que a pergunta não se limitava à percepção pessoal de experimentação xenófoba, mas de todo o contexto acadêmico em que estavam inseridos.

Ao considerar apenas os(as) docentes que relataram ter experiência da xenofobia, há uma percepção aumentada sobre a redução da xenofobia, pois o percentual de sentimento de redução da xenofobia sobe para 35,70% ante os 23,90% citados anteriormente. Quanto à percepção acerca do crescimento de ações xenofóbicas, o percentual também aumenta, indo a 35,70%. Ou seja, nesse aspecto, houve aumento de mais de 100% da percepção sobre o recrudescimento da xenofobia. Procedendo a análise de conteúdo dessa cognição docente sobre a evolução de xenofobia, a partir do *software* Atlas TI, imputou-se células a partir dessas respostas, das quais geramos uma rede semântica (Figura 4), que apresentamos a seguir.

Figura 4 – Rede semântica sobre a variação de atos de xenofobia



Fonte: elaboração própria.

A rede semântica exposta demonstra a percepção dos docentes acerca dos motivos que contribuem para a interpretação individual sobre a variação quantitativa de atos xenófobos. Nos discursos avaliados, verificou-se a repetição de palavras ou termos tidos como causadores tanto do aumento, quanto da redução da prática xenofóbica nas instituições. Nesse sentido, relacionando essas respostas com os estudos que formaram a base teórica deste trabalho, percebe-se que os respondentes indicam quais as causas que concorrem para o aumento ou diminuição da xenofobia.

Na rede, as células vermelhas referem-se ao processo de aumento da xenofobia e interligam-se com as percepções mencionadas pelos respondentes, a saber: estigma de um país, origem de país sul-americano, questões de ideologias políticas que desencadeiam conforto para atitudes xenofóbicas, discurso extremista, nacionalismo hostil e a cobertura midiática, além da concorrência por vaga na universidade.

Por outro lado, as células azuis aludem à percepção de atenuação da xenofobia, interligando-se entre si a partir dos discursos dos participantes, quais sejam: avanços sociais, mudança de posição na universidade (*status*), integração cultural local com a comunidade, maior diversificação étnica nas universidades, pluralidade multicultural e menos contato com agressores.

As células amarelas correspondem a questões ambíguas, ou seja, influenciam tanto para o crescimento quanto para a redução xenofóbica, a saber: a origem do imigrante, as políticas governamentais, a região do país em que se trabalha e vive, além da percepção do que é ou não considerado xenofobia subjetivamente por cada um dos respondentes, visto que situações iguais foram consideradas como xenofóbicas por uns e não consideradas por outros participantes

da pesquisa. As células rosa estão ligadas à não experiência de atos xenofóbicos, em que os participantes associaram a boa receptividade em decorrência do seu país de origem. Já as células roxas indicam que os respondentes acreditam que o local de lotação nas universidades também é um fator importante, o que impacta o desempenho profissional tanto de maneira positiva, quanto negativa.

As respostas subjetivas dos docentes, como as descrições apresentadas a seguir, também ajudam a compreender a percepção sobre o fenômeno da xenofobia.

Vejo no ambiente acadêmico brasileiro uma boa tolerância de estrangeiros. Sendo britânico, não tenho tido experiência de xenofobia. Acredito que docentes de países como Peru, Chile, Bolívia etc. podem ter outros relatos (Entrevistado 2).

A xenofobia quanto ao fato de eu ser português está nos mesmos níveis que há 12 anos. Não notei mudança alguma (Entrevistado 65).

Tem diminuído, melhorou o nível educacional (Entrevistado 62).

Mudou, existe mais compreensão e empatia, o povo brasileiro melhorou o acolhimento e respeito ao estrangeiro (Entrevistado 77).

Tenho a sensação que está aumentando e que pode vir a aumentar mais nos próximos anos com a polarização da política e os novos rumos sociais (Entrevistado 149).

Portanto, os participantes perceberam tanto uma diminuição como um aumento da xenofobia ao longo do tempo. Os que observaram a atenuação atribuem essa alteração ao crescimento da conscientização sobre a diversidade cultural e a melhora na educação sobre intercultura, dando-nos uma direção de que ações de sensibilização podem ter um impacto positivo nessa relação. Já os participantes que captaram aumento xenofóbico ligam o avanço, com maior frequência, a fatores políticos, como o extremismo e ideologias nacionalistas, indicando que o contexto político tem o poder de influenciar as atitudes sociais em relação aos imigrantes. Para Castro (2023), esses grupos políticos representam uma agressão direta à essência dos direitos humanos, aproveitando-se da grande quantidade de pessoas que se entregam aos braços de líderes messiânicos e autoritários.

Essas mudanças de percepções podem estar ligadas a fatores pessoais, como o tempo de residência no Brasil, a fluência na língua nativa e a integração social e cultural do ambiente. Percebeu-se, pelos relatos, que aqueles e aquelas que disseram dominar a língua portuguesa ou que se sentiam mais integrados na sociedade inclinaram-se a constatar menos atitudes xenofóbicas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo migratório é resultado de diversos fatores que forçam as pessoas a deixarem seu país natal para iniciar nova jornada em um lugar novo, com nova cultura, novos costumes e uma nova sociedade, que nem sempre está preparada e aberta a receber os não nacionais. Fatores diversos influenciam as relações entre nacionais e imigrantes, com potencial relevante de proporcionar impactos significativos entre os envolvidos.

Observado isso, o presente artigo buscou analisar essas relações a partir das experiências de docentes não nacionais das universidades federais brasileiras para verificar a presença da xenofobia e, no caso de ocorrência, como esses eventos xenofóbicos afetam o desempenho profissional e o bem-estar desse grupo de pessoas, prejudicando, ademais, o benefício que o seu bom exercício profissional traria para as nossas instituições.

Constataram-se, nos resultados desta pesquisa, diferenças nas experiências acadêmicas dos docentes imigrantes, com relatos de integração satisfatória, boa receptividade e a consequente não vivência de xenofobia. Todavia, um número expressivo de 87, ou 42,43%, participantes relataram situações xenofóbicas dentro das universidades federais, proporcionando reflexos negativos e significantes para o bem-estar emocional e o desempenho profissional dessas pessoas. Esses achados corroboram os resultados das pesquisas de Fischman (2020) e Mgogo e Osunkunle (2023), os quais concluíram, em seus estudos, que a xenofobia tem poder de influenciar o bem-estar e afetar negativamente as experiências dos não nacionais na academia.

As experiências relatadas mostraram que as atitudes xenófobas se manifestam de maneiras distintas, por vezes, praticadas de maneira direta e, em outras, proferidas de maneira sutil e indireta, revelando-se como comentários ou piadas com a língua de origem, até a exclusão social e profissional. Esse tipo de atitude também foi constatado no estudo de Ngobeni (2022), realizado com alunos imigrantes na Universidade de Joanesburgo, na África do Sul, que identificou que a maioria dos alunos estrangeiros daquela universidade experimentou a xenofobia, havendo relatos ligados a questões linguísticas e à exclusão social.

A maior parte dos respondentes vítimas de xenofobia acredita que as administrações das universidades não estão cientes desse problema e, mesmo quando tomam ciência, não agem de maneira adequada para resolução da situação. Além disso, dois terços afirmaram que as universidades não possuem políticas para combater esse tipo de atitude, mas que a implementação de programas de sensibilização para a comunidade acadêmica sobre diversidade cultural é eficaz para a redução da xenofobia. É importante destacar que os resultados encontrados se aplicam somente ao grupo de docentes entrevistados(as) nesta pesquisa e não são representativos do universo de professores da rede federal de educação superior.

Considerando, então, as respostas dos participantes, os direcionamentos da pesquisa levaram à conclusão que, de fato, ocorre a xenofobia no ambiente da educação superior federal do Brasil. Sendo vista como relevante para alguns participantes e menos importante para outros, ainda assim, atingiu cerca de 87 respondentes. Diversos relatos deixaram explícito que as consequências psicológicas, sociais e profissionais podem ser profundas, atingindo diretamente o bem-estar dos professores vítimas do preconceito xenofóbico. Os docentes também identificaram a inexistência de políticas/programas que apoiem o fomento do respeito e da diversidade cultural nesses ambientes.

Diante dos achados da pesquisa, percebe-se a necessidade de ampliação nos estudos da xenofobia na educação brasileira em todos os seus níveis e com diferentes públicos-alvo, visto que não há tantos trabalhos com essa temática específica no Brasil. O aprofundamento poderá permitir compreender o fenômeno de forma mais ampliada, sendo possível, a partir dele, desenvolver soluções para evitar a perpetuação da xenofobia na educação.

Em última análise, combater a xenofobia não é uma mera questão de justiça social, mas uma perspectiva para engrandecer o ambiente da educação superior com concepções diversas, promovendo a inovação e o desenvolvimento intelectual.

REFERÊNCIAS

- AITA, E. B.; TULESKI, S. C. O desenvolvimento da consciência e das funções psicológicas superiores sob a luz da Psicologia Histórico-Cultural. **Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade**, Naviraí, v. 4, n. 7, p. 97-111, jul. 2017. Recuperado de: <https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/article/view/3195/3282>. Acesso em: 17 mar. 2024.
- ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA OS REFUGIADOS (ACNUR). **Global Trends: Forced Displacement in 2023**. Genebra: ACNUR, 2024. Disponível em: <<https://www.unhcr.org/global-trends>>. Acesso em: 8 jun. 2024.
- ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA OS REFUGIADOS (ACNUR). **Origins and Destinations of Refugees: Maps**. Genebra: ACNUR, 2024. Disponível em: <https://unhcr.org/refugee-statistics>. Acesso em: 7 jun. 2025.
- ALVES, M. Afro-reparação e educação superior: a práxis negra. **O pensamento de Rodolfo Kusch: movimentos seminais na América profunda**. ed.1. Porto Alegre: CirKula, 2019. p. 61-72. <https://www.ufrgs.br/peabiru/wp-content/uploads/2020/07/O-pensamento-de-Rodolfo-Kusch-movimentos-seminais-na-Am%C3%A9rica-profunda.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2024.
- BAKER, J. O. Of fear and strangers: a history of xenophobia. **Revista Ethnic and Racial Studies**, [s. l.], v. 46, n. 8, p. 1702-1705, jul. 2022. DOI: 10.1080/01419870.2022.2098154. Acesso em: 12 nov. 2023.
- BARBERIS, N.; COSTA, S.; CASTIGLIONE, C. Xenophobia and xenophilia, the bright and dark sides of attitude towards foreigners: a self-determination theory approach. **Psychological Reports**, [s. l.], v. 127, n. 5, p. 2427-2450, 2023. DOI: 10.1177/00332941231152394. Acesso em: 07 jan. 2023.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 2. ed. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 1. ed. São Paulo: Edições 70, 2016.

CASTRO, A. M. Populismo nacionalista, inmigración y xenofobia. **Cuadernos Electrónicos de Filosofía del Derecho**, [s. l.], n. 49, p. 447-460, jun. 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.7203/CEFD.49.26201>. Acesso em: 21 dez. 2023.

CHEN, H. A.; TRINH, J.; YANG G. P. Anti-Asian sentiment in the United States - COVID-19 and history. **The American Journal of Surgery**, [s. l.], v. 3, p. 556-557, set. 2020. DOI: 10.1016/j.amjsurg.2020.05.020. Acesso em: 15 jan. 2023.

CHENG, S. O. Xenophobia due to the coronavirus outbreak - A letter to the editor in response to "the socio-economic implications of the coronavirus pandemic (COVID-19): A review". **Int J Surg**, London, v. 79, p. 13-14, maio 2020. DOI: 10.1016/j.ijsu.2020.05.017. Acesso em: 12 jan. 2023.

COSTA, V. V. da.; VIEIRA, L. K. Nacionalismo, xenofobia e união europeia: barreiras à livre circulação de pessoas e ameaças ao futuro do bloco europeu. **Revista da Faculdade de Direito UFPR**, Curitiba, v. 64, n. 3, p. 133-160, set./dez. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/rfdupr.v64i3.65536>. Acesso em: 21 dez. 2023.

CRESWELL, J. W.; CRESWELL, D. C. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2021.

CULPI, L. A.; MÈRCHER, L.; PEREIRA, A. E. Argentina e Brasil no alinhamento das práticas de xenofobia: uma investigação dos governos Macri e Bolsonaro. **Revista Conjuntura Global**, Paraná, v. 10, n. especial, p. 1-19, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/cg.v10i0.82466>. Acesso em: 21 dez. 2023.

DAMARAFI G. R.; SUWANDONO. D. Pengaruh migran terhadap perubahan guna lahan di wilayah desa bandungrejo, kecamatan mranggen, kabupaten demak. **Teknik PWK (Perencanaan Wilayah Kota)**, [s. l.], v. 11, n. 3, p. 191-196, 2022. DOI:<https://doi.org/10.14710/tpwk.2022.29616>. Acesso em: 14 mar. 2024.

DUBE, B.; SETLALENTOA, W. Mas não sabemos de nada, nascemos nessa situação: experiências de alunos que enfrentam a xenofobia na África do Sul. **Ciências da Educação**, [s. l.], v. 14, n. 3, p. 297-308, 2024. DOI: <https://doi.org/10.3390/educsci14030297>. Acesso em: 25 ago. 2024.

FISCHMANN, R. Acesso ao ensino superior, xenofobia e racismo: fenótipos, estereótipos e pertencimento nacional. **Revista Eletrônica Pesquiseduca**, [s. l.], v. 12, n. 27, p. 320-345, 2020. Acesso em: 12 jan. 2024.

GUIZARDI, M. L.; MARDONES, P. Las configuraciones locales de odio. Discursos antimigratorios y prácticas xenofóbicas en Foz de Iguazú, Brasil. **Estudios Fronterizos**, v. 21, n. 45, p. 1-24, mar. 2020. DOI: <https://doi.org/10.21670/ref.2003045>. Acesso em: 14 nov. 2023.

HAFT, S.; ZHOU, Q. Um surto de xenofobia: discriminação e ansiedade percebidas em estudantes universitários sino-americanos antes e durante a pandemia de COVID-19. **Revista Internacional de Psicologia**, v. 56, n. 4, p. 522-531, jan. 2021. DOI:<https://doi.org/10.1002/ijop.12740>. Acesso em: 2 fev. 2021.

HATSEK, D. J. R.; WOICOLESKO, V. G.; ROSSO, G. P. Internacionalização na educação básica: um estado do conhecimento. **Eventos Pedagógicos**, [s. l.], v. 14, n. 1, p. 70-90, jan/maio 2023. DOI: 10.30681/reps.v14i1.10998. Acesso em: 13 jan. 2024.

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION (IOM). **Glossary on Migration**. 3. ed. Geneva: IOM, 2019. (International Migration Law No. 34). Disponível em: <https://publications.iom.int/books/international-migration-law-ndeg34-glossary-migration>. Acesso em: 9 jun. 2025.

KALESHI, E.; GRIPSHI, Z.; ZHEBO, E. Migration vs. potential migration: why do albanians have a great desire to migrate? **Interdisciplinary journal of research and development**, [s. l.], vol. 9, n. 1, p. 44-47, mar. 2022. DOI: 10.56345/ijrdv9n1s107. Acesso em: 10 fev. 2023.

KOHATSU, L. N.; SAITO, G. K. Xenofobia na escola pública: a perspectiva dos estudantes do Ensino Médio. **Revista Psicoperspectivas**, Valparaíso, v. 21, n. 1, mar. 2022. DOI: <https://dx.doi.org/10.5027/psicoperspectivasvol21-issue1-fulltext-2554>. Acesso em: 12 dez. 2023.

MANCEBO, D. Educação superior no Brasil (2013-2021): austericídio, neoconservadorismo e filiação sindical. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, [s. l.], v. 15, n. 2, p. 227-239, 2023. DOI: 10.9771/gmed.v15i2.55171. Acesso em: 12 jan. 2023.

METIN, Y.; YILDIRIM, M.; YILDIRIM, SALIH; ELKOCA, A.; VAROL, E.; AYDIN, M. A.; DEGE, G. Investigation of the relationship between xenophobic attitude and intercultural sensitivity level in health education students. **Journal of Transcultural Nursing**, [s. l.], v. 34, n 3, p. 238-246, mar. 2023. DOI: 10.1177/10436596231158136. Acesso em: 03 fev. 2024

MGOGO, Q.; OSUNKUNLE, O. Students perceptions of the influence of media on perpetuating xenophobia in South African universities. **The Journal for Transdisciplinary Research in Southern Africa**, [s. l.], v. 19, n. 1, fev. 2023. DOI:10.4102/td.v19i1.1218. Acesso em: 8 fev. 2024.

MILESI, R.; COURY, P.; ROVERY, J. Migração venezuelana ao Brasil: discurso político e xenofobia no contexto atual. **Revista Aedos**, Porto Alegre, v. 10, n. 22, p. 53-70, ago. 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/83376>. Acesso em: 12 dez. 2023.

MICHEL, M. H. **Metodologia e Pesquisa Científica em Ciências Sociais**: um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2015.

MORAES, N. A. de; CAMPOS, M. A.; COTRIN, J. T. D. Inserção de haitianos na educação básica em Mato Grosso: percepção de gestores, professores e estudantes. **Revista Educação**, v. 48, n. 1, p. 1-24, jan./dez. 2023 DOI:<https://doi.org/10.5902/1984644466500>. Acesso em: 22 mar. 2024.

MOROSINI, M. C. **Guia para a internacionalização universitária**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2019. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/livro/1383/> Acesso em: 5 abr. 2023.

MOROSINI, M. C.; CORTE, M. G. D. Teses e realidades no contexto da internacionalização da educação superior no Brasil. **Revista Educação em Questão**, [s. l.], v. 56, n. 47, p. 97-120, jan./mar. 2018. DOI: 10.21680/1981-1802.2018v56n47ID14000. Acesso em: 13 maio. 2024.

NAÇÕES UNIDAS. **Pacto Global para uma Migração Segura, Ordenada e Regular**. Assembleia Geral da ONU, 19 dez. 2018. Disponível em: <https://www.un.org/en/global-compact-migration/>. Acesso em: 09 jun. 2025.

NGOBENI, M. Narratives of xenophobia at a South African university. **Communicatio**, [s. l.], v. 48, n. 3, p. 43-60, dez. 2022. DOI: 10.1080/02500167.2022.2143835. Acesso em: 26 fev. 2024.

OLIVEIRA, V. S.; HOROCHOVSKI, R. R. A política pública de ação afirmativa da educação superior indígena na Universidade Federal do Paraná (UFPR) sob o olhar de uma secretária executiva. **Revista Expectativa**, [s. l.], v. 20, n. 4, p. 133-154, out./dez. 2021. DOI: <https://doi.org/10.48075/revex.v20i4.22879>. Acesso em: 10 jan. 2023.

PAALO, S. A.; ADU-GYAMFI, S.; ARTHUR, D. D. Xenophobia and the challenge of regional integration in Africa: understanding three cardinal dynamics. **Revista Acta Acadêmica**, [s. l.], vol. 54, n. 2, p. 6-23, nov. 2022. DOI: <https://doi.org/10.18820/24150479/aa54i2/2>. Acesso em: 15 dez. 2023.

PEREIRA, E. M. da A. Internacionalização na universidade contemporânea: uma visão da internacionalização em uma universidade pública paulista. **Revista Internacional de Educação Superior**, Campinas, v. 5, p. 1-19, 2019. DOI: 10.20396/riesup.v5i0.8653979. Acesso em: 3 jan. 2024.

REDIN, G.; REICHERT, D. W. O mais estrangeiro dentre os estrangeiros: xenofobia no Brasil. **Revista Direito e Práxis**, [s. l.], v. 15, n. 4, p. 1-25, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/2179-8966/2024/77924>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdp/a/xBKBH7GT7QB36hCcL6RBzgS/?lang=pt>. Acesso em: 1 jun. 2025.

RIBEIRO, J. **Xenofobia e intolerância linguística:** discursos sobre estrangeiridade e hostilidade brasileira. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

RICHARDSON, Roberto J. **Pesquisa Social - métodos e técnicas**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

RIGOUSTE, M. Purificar o território: a luta anti-imigratória como laboratório securitário (1968-1974). **Revista Direito & Práxis**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 952-968, 2018. DOI: 10.1590/2179-8966/2018/34241. Acesso em 12 nov. 2023.

RZYMSKI, P.; NOWICKI, M. COVID-19-related prejudice toward Asian medical students: a consequence of SARS-CoV-2 fears in Poland. **J Infect Public Health**, [s. l.], v. 6, n. 13, p. 873-876, jun. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jiph.2020.04.013>. Acesso em: 10 jun. 2023.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LÚCIO, M. P. B. **Metodologia de pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTOS, A. P.; DIANA, G. M. A. Discriminação racial nos quadros da administração pública no Brasil: um primeiro balanço dos efeitos da reserva de vagas para negros em uma organização de segurança pública. **Revista do Serviço Público**, Brasília, v. 69, n. 4, p. 275-302, out./dez. 2018. Disponível em: <https://repositorio.enap.gov.br/bitstream/1/5334/1/O%20perfil%20racial%20nos%20quadros%20da%20administra%C3%A7%C3%A3o%20p%C3%bablica%20no%20Brasil%20-%20um%20primeiro%20balan%C3%A7o%20dos%20efeitos%20da%20reserva%20de%20vagas%20para%20negros%20em%20uma%20organiza%C3%A7%C3%A3o%20de%20seguran%C3%A7a%20p%C3%bablica.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2023.

SANTOS FILHO, J. C. dos. Internacionalização da educação superior: redefinições, justificativas e estratégias. **Série-Estudos - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB**, [s. l.], v. 25, n. 53, p. 11-34, jan./abr. 2020. DOI: 10.20435/serie-estudos.v25i53.1383. Acesso em: 13 abril. 2024.

SYMON, G. **Questionnaires: design and use**. [s. l.]: Editora Routledge, 2012.

TRAN, M. T.; JUNG, J.; UNANGST, L.; MARSHALL, S. New developments in internationalization of higher education. **Higher Education Research & Development**, v. 42, n. 5, p. 1033-1045, 2023. DOI:<https://doi.org/10.1080/07294360.2023.2216062>. Acesso em: 17 mar. 2023.

VIEIRA, P. S. T. **Xenofobia no Brasil**: revisão de literatura e relato de experiência. 2022. Monografia (Graduação em Saúde Coletiva) – Instituto de Estudos em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/17057>. Acesso em: 1 jun. 2025.

WILLIAMS, W. Atravessando fronteiras: a crise dos deslocados em África e as suas implicações para a segurança. **Centro África de estudos estratégicos**, instituição acadêmica do Departamento de Defesa dos EUA. Washington, DC, vol. 8, out. 2019. Disponível em: <https://africacenter.org/wp-content/uploads/2021/02/ARP8PT-Atravessando-fronteiras-A-crise-dos-deslocados-em-Africa-e-as-suas-implicacoes-para-a-seguranca.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2024.

WIT, H. Internationalization in higher education, a critical review. **Educational Review**, Burnaby, v. 12, n. 3, p. 9-17, 2019. DOI:[10.21810/sfuer.v12i3.1036](https://journals.lib.sfu.ca/index.php/sfuer/article/view/1036). Disponível em: <https://journals.lib.sfu.ca/index.php/sfuer/article/view/1036>. Acesso: 5 mar. 2023.

Antonio Andretti Albuquerque da Costa

<https://orcid.org/0009-0009-5113-466X>

Mestrando em Administração Pública na Universidade Federal Rural do Semiárido (PROFIAP/UFER-SA). Especialista em Administração Pública pela Universidade Cândido Mendes (UCAM). Bacharel em Ciências Contábeis pela Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA). Servidor público na Uni-versidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

antonio.costa97226@alunos.ufersa.edu.br

Napiê Galvê Araújo Silva

<https://orcid.org/0000-0002-7966-3311>

Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Mestre em Políticas Públicas e Sociedade pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Mestre em Economia, Bacharel em Ciências Econômicas e em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor da Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA). Membro do grupo de pesquisa de Estudos Econômicos em Desenvolvimento e Inovação (GEEDI – UFERSA).

pie@ufersa.edu.br